

O riso como resistência: Standup “Humor Negro” e sua representatividade junto à comunidade negra brasileira¹

Jéssica de Almeida Bastida Raszi²
Uniso – Universidade de Sorocaba

Resumo

Este artigo analisa a primeira temporada do *Standup Humor Negro*, que utiliza o *standup* comedy para discutir questões raciais no Brasil. Originado como um festival em Salvador, o projeto cresceu e reúne comediantes negros que abordam, com ironia e crítica, temas como colorismo, racismo estrutural e padrões estéticos. A pesquisa, vinculada à linha de Mídias e Práticas Socioculturais, utiliza conceitos de Folkcomunicação (Beltrão, 1980), carnavalização (Bakhtin, 1987) e hibridismo cultural (Canclini, 1995) para compreender o humor como resistência e meio de afirmação identitária. Além disso, dialoga com Hall (2006) sobre identidade e representações sociais. A análise demonstra como o riso pode ser uma ferramenta de empoderamento, evidenciando a importância da cultura popular na ressignificação das narrativas raciais.

Palavras-chave

Stand up; Humor; Cultura brasileira; Riso; Folkcomunicação

Introdução

O humor é um elemento fundamental da comunicação. No Brasil, a presença de comediantes negros tem crescido, possibilitando narrativas que rompem com estereótipos e oferecem novas perspectivas sobre a vivência da população negra. O *standup* Humor Negro exemplifica essa dinâmica ao abordar ironicamente questões raciais.

A análise será feita a partir da primeira temporada da série exibida no Multishow e no Globoplay, destacando como a trupe de 10 comediantes dialoga com experiências de pessoas negras no Brasil. O espetáculo foi promovido em Salvador, cidade natal dos integrantes, escolhida por ser a região com a maior população negra do país, segundo dados do IBGE (2021). Humor Negro começou como um festival entre amigos e, com o sucesso, tornou-se uma série com 10 episódios.

A metodologia será o estudo dessa temporada, que foca nas vivências negras, oferecendo crítica social, descontração e reflexão. O *standup*, ou comédia em pé, é um

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Doutorado em Comunicação e Cultura, e-mail: jessica.bastida@gmail.com

gênero popular no Brasil por abordar temas polêmicos com irreverência. Embora não haja número exato de produções, uma pesquisa no Google em fevereiro de 2025 retornou mais de 37 milhões de resultados. No país, o estilo surgiu nos anos 1960 com o “one man show” e hoje possui até premiação própria, como o iBest.

A partir de Luiz Beltrão, pretende-se compreender o humor como forma de comunicação e resistência dos marginalizados. Para ele, a comunicação é também canal de afirmação identitária. Em *O Riso*, Bergson (1999) argumenta que o riso reforça normas sociais. Já Canclini (1995) trata da hibridação cultural, útil para pensar o humor como manifestação híbrida entre elementos populares e globais. Hall (2006) discute identidade como construção dinâmica, marcada por representações e narrativas.

Por fim, Bakhtin (1987) contribui com a teoria da carnavalização, em que o riso subverte as normas sociais. A presente pesquisa está vinculada à linha Mídias e Práticas Socioculturais, com ênfase na Folkcomunicação, e tem relevância comunicacional e social ao mostrar o humor como ferramenta de transformação.

O riso como estratégia de resistência

O riso pode ser considerado como estratégia de resistência pois é um fenômeno social e surge quando há um descompasso entre o que se espera de um comportamento e o que efetivamente ocorre. No *Standup* “Humor Negro”, essa teoria se manifesta na forma como os comediantes ironizam os estereótipos raciais, expondo as contradições da sociedade brasileira. “O cômico exige, para produzir todo o seu efeito, algo como uma anestesia momentânea do coração” (Bergson, 1999). Conforme o autor cita, essa “anestesia” permite que a absorção do público das piadas feitas seja feita sem aversão, criando uma proximidade ainda maior com os artistas, criando assim um espaço para reflexão e questionamento sobre os temas expostos. No primeiro episódio da série, essa proximidade já ocorre no episódio intitulado “Cabelo, cabelo meu”, por exemplo, onde o humor desconstrói toda a pressão social perante os cabelos afro, revelando assim o racismo embutido na idéia que cabelos crespos são cabelos ruins. Os atores do episódio, Jhordan, Guilherme e Niny compartilham seus relatos de como foram julgados e discriminados por seus cabelos. Essa construção de identidade vivenciada pelos negros, onde muitos só conseguem se reconhecer após anos de vivência, dá abertura aos estudos de Stuart Hall (2006). Para Hall, a identidade não é algo fixo, mas um processo de constante construção e reconstrução. A partir disso, podemos entender o *Standup* “Humor

Negro” como um ambiente de negociação de significados, onde comediantes negros provocam as representações estereotipadas historicamente associadas à negritude. "A identidade não é algo fixo, mas um processo de constante construção e reconstrução" (Hall, 2006). Assim, o *standup*, ao permitir que negros contem suas próprias histórias para um público negro, ressignifica a experiência da negritude no Brasil, pois a piada deixa de ser um mecanismo de opressão e passa a ser uma ferramenta de resistência. No episódio “Negro, Eu?” é tratado um tema recorrente no contexto de pessoas brancas que se dizem antirracistas, mas cometem gafes ao interagir com negros. Os atores Jhordan e Koanza abordam essa situação de forma crítica e humorada, enquanto Matheus Buente fala sobre o colorismo, um problema presente até dentro da própria comunidade negra. Stuart Hall contribui para essa discussão trazendo sua abordagem sobre identidade, representação e estereótipos raciais. Em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2006), Hall argumenta que a identidade negra não é fixa ou essencialista, mas sim uma construção social e histórica que se transforma ao longo do tempo. Isso se aplica diretamente a esse episódio, pois evidencia como a identidade negra é interpretada e questionada dentro e fora da comunidade negra. E também o colorismo e a hierarquia racial, onde Hall discute como a identidade negra é múltipla e atravessada por diferenças internas, incluindo questões como o colorismo, como já citado. O episódio traz essa reflexão ao mostrar que dentro da própria comunidade negra há divisões baseadas no tom de pele, reforçando o argumento de Hall de que não há uma identidade negra única, mas sim múltiplas formas de vivenciá-la.

Folkcomunicação e o Humor Popular

Luiz Beltrão (1980), em “A comunicação dos marginalizados”, apresenta como os grupos marginalizados criam formas próprias de se comunicarem para assim expressar sua realidade. O humor nessa série pode ser considerado um fenômeno da folkcomunicação, pois transforma a vivência dos negros em narrativas humorísticas, que pode ser acessível tanto para o público de massa quanto para circuitos independentes. "Os grupos subalternos desenvolvem códigos próprios para expressar suas realidades e resistências”, (Beltrão, 1980). Nesse contexto, a comédia deixa de ser apenas um entretenimento e passa a funcionar como uma forma de fortalecer a identidade negra, apesar de forma humorística. No episódio “Devo, Não Nego”, os atores relatam as dificuldades financeiras enfrentadas pela grande maioria dos negros. As atrizes Maíra e

Gui relembram situações de dificuldade financeira, enquanto Thamirys Borsan fazem uma crítica sobre as situações enfrentadas em lojas de luxo, onde os negros são recebidos de forma diferente pelos vendedores. Em “Boca de Afofô”, os comediantes se utilizam desse ditado popular baiano para falar de fofoca com os humoristas Niny e Jhordan e o convidado Júnior de Chicó, que faz um espetáculo que reflete sobre as relações interpessoais na sociedade brasileira. O espetáculo não apenas diverte, mas também reafirma a identidade negra por meio da ressignificação da cultura e da linguagem negra baiana, quando se utilizam da expressão Boca de Afofô³.

Hibridismo Cultural e a Ressignificação da Cultura Negra

Néstor García Canclini (1995) introduz o conceito de hibridismo cultural, que descreve como diferentes influências culturais podem se misturar e se transformar. No *Standup* “Humor Negro”, esse hibridismo aparece na forma como os comediantes utilizam referências da cultura negra – como a música, o cabelo e a linguagem – para criar um humor que dialoga com a experiência do público negro. “A cultura popular não é um resíduo do passado, mas um espaço onde se reelaboram tradições em diálogo com as formas contemporâneas de comunicação” (Canclini, 1995). No capítulo “My Sista, Meus Brother”, as atrizes Niny e Maíra falam sobre a amizade e a cumplicidade, com a dupla convidada, Marcelo Magano e Patrick Sonata, onde compartilham situações engraçadas entre amigos, mostrando mais uma vez a troca de culturas e experiências. No capítulo “Metete Dança, Guri”, os atores Jhordan e Gui Jr. compartilham memórias da infância, trazendo ao palco as experiências de vida, com personagens que fizeram parte da sua infância, apresentando a eles outras culturas, religiões, culinárias. Nesse episódio, a convidada Luana Xavier, neta de Chica Xavier (importante atriz negra brasileira), partilha suas lembranças, refletindo sobre como a herança cultural da família moldou sua identidade. Em “O Mais Belo Dos Belos”, a beleza negra é o tema central do episódio, onde Gui e Maíra discutem como a sociedade impõem padrões estéticos. A convidada Yas Fiorelo, fala sobre sua trajetória, de “Patinho Feio” a “Gata do Rolê”, desafiando estereótipos de beleza. Nesse episódio, a autora Grada Kilomba (2019), pode ser utilizada como uma referência fundamental para discutir feminismo negro e identidade. Em seu livro “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano”, a autora analisa como

³ Boca de Afofô é um termo baiano que visa designar uma pessoa que fala demais, excessivamente e não se preocupa com que os outros vão achar.

as mulheres negras são frequentemente marginalizadas dentro dos padrões de beleza e das narrativas feministas hegemônicas. “ “Quem pode falar? O que podemos dizer? E o que acontece quando dizemos?”, (Kilomba, 2019). Essa frase mostra como as mulheres negras enfrentam diversas barreiras para serem ouvidas e reconhecidas dentro dos padrões estéticos impostos pela sociedade. A atriz Yas Fiorelo, ao contar sua trajetória de "Patinho Feio" a "Gata do Rolê", exemplifica essa luta por reconhecimento e autovalorização. “Aqueles que não pertencem à narrativa dominante são sistematicamente silenciados, distorcidos e excluídos.” (Kilomba, 2019). Esse trecho comprova como o racismo estrutural define quem é considerado belo e quem é excluído dessa construção imposta. No episódio, Gui e Maíra abordam justamente como os padrões estéticos impostos pela sociedade excluem a beleza negra e reforçam a necessidade de uma redefinição do que é considerado belo. No nono capítulo da série, “Gigabyte 071”, a tecnologia é o tema, com o ator Gui falando sobre a falta de representatividade nos quadrinhos, um campo predominantemente branco e masculino. Já Tiago Banha, traz uma perspectiva humorística sobre como sua avó lida com a tecnologia, enquanto Koanza fala de modernidade e inovação. O espetáculo, ao mesmo tempo em que resgata elementos históricos da cultura negra, também os adapta para um formato contemporâneo de comédia, tornando-se um exemplo de resistência cultural dentro da mídia de massa. No último capítulo “Não Aperte Minha Mente”, a temporada termina com uma reflexão sobre os estresses do passado e a busca por momentos de lazer e felicidade nos dias de hoje. Jhordan fala sobre os desafios vividos atualmente e Niny e Gui comprova como encontra mais felicidade no samba e no pagode, mostrando o poder da música e da cultura como formas de resistência e alegria, assim como o humor.

Conclusão

Para entender o sucesso do *Standup* “Humor Negro”, é fundamental que analisemos o público que assiste ao espetáculo. "O riso precisa de eco. Ouve-se menos o riso quando se está sozinho." (Bergson, 1999, p. 6). Como visto nas imagens, o público é predominantemente negro e isso é essencial para entender o impacto do espetáculo, pois somente os negros são capazes de compreender as dores e a experiência que é ser negro no Brasil. O espetáculo pode ser entendido como um fenômeno Folkcomunacional pois transforma vivências negras em narrativas humorísticas que circulam tanto na mídia de massa (Multishow e Globoplay) quanto em circuitos independentes (teatro). O público

negro, ao se ver representado no *Standup Humor Negro*, consegue ressignificar o seu espaço na comédia. O *Standup* demonstra como o humor pode ser um instrumento poderoso de resistência e construção identitária para a população negra no Brasil. Os autores citados nesse trabalho deixam evidente que a comédia pode funcionar como um espaço de negociação de significados, onde as narrativas sobre negritude são ressignificadas a partir da perspectiva de quem as vive. O espetáculo não apenas brinca, mas também provoca e desafia os discursos hegemônicos, promovendo assim a valorização da cultura negra brasileira e ampliando as possibilidades de representação da população negra na mídia, seja na internet ou nos *streamings*. Ao criar um espaço onde o humor negro é feito por pessoas negras e para pessoas negras, a trupe reafirma a importância da autoexpressão e do direito de rir da própria história sem a mediação de uma narrativa branca. O *Standup* “Humor Negro” se posiciona como um movimento de resistência cultural que utiliza o riso para questionar, subverter e reconstruir as narrativas sobre a população negra no Brasil.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População preta ou parda é maioria em 1.209 municípios das regiões Norte e Nordeste**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 9 abr. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.